

A HISTÓRIA DO GEM: 20 ANOS DE DESCOBERTAS, ESTUDO E PRESERVAÇÃO DE CAVERNAS

Genival CRESCENCIO - genival_crescencio@yahoo.com.br

Fundação Casa da Cultura de Marabá/GEM

Abstract

This article presents a recuperation of the espeleology groups history established in Marabá, south east region of Pará state, in the middle of Amazon forest, during his twenty years of existence, went through hard moments due to the difficulties and the obstacles for to be one of the grates espeleology group of Brazil, in the works like prospecting and documentations, trainings, and in numbers of natural underground cavities documented in Brazilian soil.

A origem do grupo

Foi a partir da descoberta de cavidades naturais subterrâneas na Serra das Andorinhas em município de São Geraldo do Araguaia-PA, por técnicos e voluntários da Fundação Casa da Cultura de Marabá no Projeto Martírios do Araguaia, que surgiu a idéia de se criar um grupo de espeleologia, tendo em vista que o projeto contemplava as áreas de arqueologia, zoologia, botânica, antropologia, e com tais descobertas, os levantamentos de espéleo seriam necessários. Este projeto foi criado para realizar um trabalho de levantamento em diferentes áreas da ciência na região prevista para ser inundada pela futura represa da usina hidrelétrica de Santa Izabel, cuja construção foi descartada. O grupo foi criado em 8 de agosto de 1989, sendo seus membros fundadores: Jorge Augusto Paul Gruda, José Nilton dos Santos, Luiz Coimbra Nunes, Manoel Antônio Silvério, Marcos Antônio Oliveira, Noé Carlos Barbosa von Atzingen, Rosilan Rocha Sobrinho, Sônia Pastana, e Valdimar Lopes Barros, todos com o intuito de estudar, documentar, divulgar, e preservar as cavernas, cachoeiras e estruturas ruiformes da região. Durante o primeiro ano de existência uma junta coordenava o grupo, quando então em 17 de agosto de 1990, em uma eleição Luiz Coimbra foi eleito o 1º coordenador do GEM, tendo como vice José Nilton Santos, além de Noé von Atzingen como relator. Porém no final do mesmo ano com o afastamento de Luiz Coimbra, José Nilton assumiu a coordenação, função que desempenhou por vários anos.

A princípio as atividades estavam relacionadas à parte teórica, através principalmente da leitura individual de textos, onde os temas eram bem variados e estavam relacionados à espéleo, como: exploração de cavernas, espeleometria, definições de cavidades naturais, legislação ambiental, educação ambiental, primeiros socorros, técnicas verticais - rapel, e nas reuniões semanais havia

apresentações orais dos textos e discussões do tema abordado. As principais referências bibliográficas utilizadas eram boletins informativos da Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE) o “Espeleotema”, do GEP, o “Espéleo Amazônico”, além de artigos de jornais e alguns periódicos encontrados no dia-a-dia. Com o início dos trabalhos de campo, e com o advento das descobertas e os registros das cavernas com sua fauna, belezas cênicas, curiosidades geológicas e cachoeiras, a espeleologia foi bastante divulgada em Marabá e região através de palestras em escolas, feiras culturais/científicas, reportagens em jornais e com uma exposição permanente no hall da sede da Casa da Cultura. Um marco na educação ambiental e patrimonial desenvolvido pelo GEM, nas adjacências da Serra das Andorinhas, berço do grupo, foi a Eco-Cultural, que foram realizadas anualmente nos municípios de São Geraldo do Araguaia (PA) e Xambioá (TO), as exposições abordavam diversos temas referentes ao meio ambiente, dentre eles a preservação das cavernas, apresentações de peças teatrais, palestras, passeios ecológicos, desfile de miss cultural, que contava com a participação em massa da população da cidade. O curioso é que tudo isto era realizado com trabalho voluntário, tanto por parte do pessoal de Marabá, como das cidades onde se organizava o evento.

Quanto ao ingresso de novos membros (também definido como pretendente) o candidato deveria ser convidado por um integrante do GEM, participar de três reuniões consecutivas e de uma excursão de dois a três dias, considerada a prova final para a inclusão no grupo. A excursão seria para testar o condicionamento físico, companheirismo, interesse pela espéleo, além de outros atributos do candidato a membro efetivo.

Desde a sua fundação o grupo de Marabá esteve ligado a Casa da Cultura de Marabá, que abrigava o grupo no setor de geologia e que desenvolviam

atividades em conjunto, a mudança só ocorreu em novembro de 2006, mas foi apenas para outro departamento da Casa, pois se criou o Núcleo de Espeleologia de Marabá -NEM- que passou a coordenar as atividades relacionadas à espeleologia com o GEM.

Foi imprescindível para a formação do grupo, o apoio do Grupo Espeleológico Paraense (GEP), que era sediado na cidade de Belém, capital paraense, e, através dos geólogos Clóvis Vagner Maurity e Dirse Kern, repassaram as primeiras orientações técnicas e metodologia da atividade espeleológica, como também treinamentos com aulas práticas.

O início e a atualidade dos trabalhos espeleológicos.

O espeleólogo Clóvis Maurity manteve um contato muito intenso com o grupo durante vários anos e com sua ajuda e empenho aos poucos foi capacitando e especializando os integrantes do GEM, sua experiência foi decisiva para a criação do grupo. Como foi relatado em entrevistas realizadas com alguns membros fundadores, é um consenso que sem esse intercâmbio com o GEP, o grupo dificilmente existiria. A princípio os equipamentos como capacetes, iluminadores, bússola, clinômetro, etc., eram emprestados pelo GEP, afinal, esse foi um grande problema para o grupo ao longo dos tempos, além de transporte, que sempre foi bancado pelos membros. A solução parcial para a questão de equipamentos espeleológicos, foi a utilização de lanternas de cabeça em capacetes de ciclistas e operários, bem como a utilização de lanternas de mão, durante um longo período.

Aconteciam muitas excursões para a zona rural do município de Marabá com a finalidade de treinamentos, tendo em vista que as cavernas eram muito distantes, e todos deveriam estar preparados para o principal projeto da Casa da Cultura na época que era o Projeto Martírios do Araguaia, aliás, participar deste projeto exigia um excelente condicionamento físico, tendo em vista a imensa área que o projeto cobria nas expedições de campo, também chamada de “Etapa de Campo”. Na região todo o acesso se dava a pé, já que não havia estradas no interior da área. Logo no primeiro ano de existência foi comemorado com muito entusiasmo e euforia pelos integrantes do GEM, a descoberta e documentação de 17 cavernas, 69 abrigos e 6 cachoeiras. É importante ressaltar que neste período o grupo ainda era muito pequeno, contava apenas com 7 membros (GEM, 1990).

O grupo foi um parceiro na prospecção, exploração e documentação das cavidades naturais subterrâneas da Serra das Andorinhas, durante grande parte do período que área foi estudada pelos pesquisadores da Casa. Ao todo foram realizadas XIV etapas de Campo do Projeto Martírios do Araguaia, na V Etapa realizada de 3 a 11 de junho de 1989 teve a participação de arqueólogos do Museu Paraense Emílio Goeldi e espeleólogos do GEP, o GEM iniciou sua participação a partir da VII etapa. O projeto encerrou-se com a última etapa em julho de 1994. A metodologia utilizada no trabalho de campo era a exploração das serras, morros e paredes, por meio de caminhamentos sistemáticos, busca por cavernas que eram informadas por moradores da região, documentação das cavidades naturais subterrâneas por meio de topografia, elaboração da cartografia (planta baixa), preenchimento de ficha apropriada e documentação fotográfica. Desde os primórdios, a documentação, abrangendo desde levantamento topográfico, localização geográfica, registro fotográfico, descrição do acesso, e outros dados; subdividir as cavidades em cavernas, grutas, abrigos, clarabóia, dolina, fenda, conforme seu desenvolvimento, geomorfologia, etc. Tanto as cavidades como as cachoeiras recebem uma numeração própria do GEM que é seqüencial. Nos primeiros anos o grupo manteve uma relação muito íntima com a Serra das Andorinhas, mas também realizou a documentação de cavernas no município de Xambioá, estado do Tocantins, cuja litologia das mesmas era o calcário, diferente das encontradas nas Andorinhas, que eram em quartzito, mas que também é uma área relativamente próxima.

Somente a partir do mês de março de 1997 que outras áreas passariam a ser estudadas, e novas litologias seriam descobertas, como foi o caso dos levantamentos cartográficos de cavernas no município de Palestina do Pará, registro das primeiras cavidades formadas em arenito (paredes) e com uma crosta laterítica, foram documentadas 27 cavidades naturais subterrâneas divididas em 4 cavernas, 12 grutas e 11 abrigos, além de 5 cachoeiras. No ano seguinte (1998), o município estudado foi Curionópolis, na região da Serra Pelada, maior garimpo a céu aberto do mundo, produzindo uma grande explosão demográfica no sudeste paraense. O trabalho aconteceu nas proximidades da vila do garimpo, mas não era bem visto pelos moradores locais, que acreditavam que o grupo estava a serviço do governo federal para realizar prospecção mineral, fato que foi superado alguns anos depois. As litologias das cavidades são

o minério de ferro e canga, depois o grupo foi contratado por uma empresa de mineração para realizar um trabalho mais completo na área.

Documentar uma caverna nos limites do município de Marabá durante muitos anos foi um grande sonho almejado por todos os integrantes do GEM, uma vez que neste mesmo limite situa-se sua sede, e após uma década de árduos trabalhos, a primeira cavidade genuinamente marabaense é localizada nas proximidades da Serra do Sereno, trata-se da caverna Luís Serra do Ouro, o nome foi uma homenagem póstuma ao antigo dono da área, e a caverna possui 33,7m de projeção horizontal e litologia no minério de ferro. Há também outras cavidades em quartzito (CRESCENCIO et al. 2003).

Em 2001 o grupo volta a romper os limites estaduais e faz importantes descobertas no extremo norte do Estado do Tocantins nos municípios de Ananás, Araguatins, Filadélfia, Riachinho e Wanderlândia. O número de cavidades naturais documentadas supera uma centena, mas a grande maioria é pequenos abrigos. Neste mesmo ano também são documentadas cavernas no Município de Tasso Fragoso, no sul do Estado do Maranhão.

No ano de 2004 o grupo é convidado pela Fundação Casa da Cultura de Marabá para realizar trabalhos de prospecção espeleológica na região da Serra dos Carajás em virtude do convênio assinado com a Companhia Vale do Rio Doce. Este período é um divisor de águas para o grupo, com respeito à qualificação e profissionalização, que neste momento passa a ter um número bem maior de participantes, equipamentos técnicos de última geração, treinamentos específicos nas áreas de espeleotopografia, biospeleologia, geoespeleologia. A área em questão é os municípios de Canaã dos Carajás, Curionópolis e Parauapebas.

Vitórias e conquistas

No decorrer dos estudos realizados na região da Serra das Andorinhas verificou-se a necessidade da criação de um parque para preservar as riquezas paisagísticas, arqueológicas, espeleológicas e biológicas da área. Todos os resultados dos levantamentos foram relatados à Secretaria de Estado de Cultura, a qual promoveu o tombamento da Serra das Andorinhas, em 22 de setembro de 1989. Em seguida os resultados foram encaminhados ao IDESP – Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social do Estado do Pará, sendo solicitada criação do Parque Estadual da Serra dos Martírios/Andorinhas, o que culminou

com a Lei nº. 5.982 de 25 de julho de 1996 com cerca de 26.000 ha. O Parque Estadual Serra dos Martírios/Andorinhas (PESAM) estava subordinada à Secretaria Executiva de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente (SECTAM), à Diretoria de Meio Ambiente, que conta com um Departamento de Unidades de Conservação, sendo esse último o responsável pelo seu gerenciamento. O Parque foi criado utilizando as áreas remanescentes denominadas impróprias para a colonização no Loteamento Gleba Andorinhas, proveniente da reforma agrária feita pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e o Grupo Executivo de Terras do Araguaia Tocantins – GETAT. E hoje é a Secretaria de Meio Ambiente do Estado do Pará que administra o parque. Foi uma das conquistas mais marcantes do grupo e da Fundação Casa da Cultura, onde os levantamentos obtidos serviram de suporte para a implantação do parque.

O primeiro trabalho da espeleologia de contrato realizado pelo GEM aconteceu na região compreendida pelo empreendimento da futura Usina Hidrelétrica de Santa Isabel, localizada ao longo do rio Araguaia, abrangendo os municípios de Palestina do Pará-PA, São Geraldo do Araguaia-PA, Xambioá- TO, Ananás - TO e Araguaianã - TO. A empresa contratante foi a ENGEVIX Engenharia S/A, e os levantamentos foram executados em três expedições com um total de 25 dias de campo, entre outubro e dezembro de 2000 (ATZINGEN, 2003).

Em 2004 a Fundação Casa da Cultura de Marabá (FCCM) e o Grupo Espeleológico de Marabá (GEM) dão início aos levantamentos de prospecção espeleológica de cavidades naturais subterrâneas na região de Carajás, o estudo do patrimônio espeleológico visa análise do impacto ambiental da atividade de mineração de ferro na Serra dos Carajás pela Companhia Vale do Rio Doce, nas cavidades naturais subterrâneas que se encontram nos platôs. Os resultados surpreendem a comunidade espeleológica com a descoberta de centenas de cavernas, grutas e abrigos inseridas a grande maioria no minério de ferro, canga, e uma pequena parcela em rocha máfica. Este projeto está em execução.

A convite da SECTAM e da MRS Estudos Ambientais, em agosto de 2005, o GEM e a FCCM executaram estudos espeleológicos para o Plano de Manejo do Parque Estadual Serra dos Martírios/Andorinhas e APA de São Geraldo do Araguaia. Ambas possuem um grande acervo de informações sobre a Serra das Andorinhas

acumulada ao longo dos anos através do Projeto “Martírios do Araguaia”.

Devido a sua grande atuação na área ambiental e por ser uma das Organizações Não Governamental (ONG) mais atuante da região, o GEM foi convidado para o I Fórum de Meio Ambiente de Marabá, realizado no período de 25 a 27 de outubro do ano de 2004, e através de uma assembléia geral entre diversas entidades da sociedade civil organizada, entre elas entidades ligadas ao movimento ambientalista, tornou-se uma das entidades fundadoras do Conselho Municipal de Meio Ambiente de Marabá, o COMMAM. Em 2005, foi selecionado pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA, entre diversas classes da sociedade civil organizada, que contempla os municípios da área de influência das Unidades de Conservação do Mosaico de Carajás, para compor os conselhos consultivos da Floresta Nacional do Tapirapé-Aquiri e da Reserva Biológica do Tapirapé, tornando-se assim uma entidade também fundadora destes conselhos. O grupo filiou-se na Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE) no ano de 2002, possui o registro de G-099.

Há mais de uma década o GEM e a FCCM vêm promovendo cursos de introdução à espeleologia, que além de reciclar e capacitar os membros do GEM, também capacita pessoas interessadas para executar atividades de levantamentos na Amazônia. É o único curso oferecido no Brasil com uma carga horária de 200 horas, que abrange desde aulas teóricas, como espeleologia no Brasil, bioespeleologia, espeleotemas, etc., além de aulas práticas como o uso de GPS, acampamento, e muito mais. Este curso já ultrapassou duas dezenas de versões.

Considerações finais

O GEM superou todas as dificuldades e barreiras que nortearam de forma mais impactante a primeira década de sua existência, para isto foi necessário o empenho e a dedicação dos quase duzentos membros que estão registrados nos arquivos desta história, e que nunca deixaram apagar a chama da espeleologia, tanto na contribuição para a realização dos trabalhos de campo, como na sistematização dos dados, ministrando treinamentos, cedendo os carros para as excursões, realizando palestras, participando de reuniões de conselhos, participando de encontros e congressos, e etc. Não há dúvidas que a espeleologia de contrato abriu novos horizontes para

o grupo, porém é necessário lembrarmos contribuições como a do geólogo Clóvis Maurity, o apoio total da Fundação Casa da Cultura de Marabá e do seu presidente e conselheiro do GEM Noé von Atzingen ao longo de todos estes anos. Outro apoio relevante recebido recentemente foram as parcerias com o Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas, assim como a Empresa Carste Consultorias, ambas de Belo Horizonte - MG, através dos espeleólogos Augusto Auler e Luiz Beethovem Piló, que contribuíram de forma bastante significativa para a profissionalização do GEM.

Atualmente o grupo já descobriu e documentou um total superior a 1.800 cavidades naturais subterrâneas, das quais apenas 170 aproximadamente estão cadastradas junto a SBE. Isto eleva o GEM à condição de ser o grupo que mais documentou cavidades em território brasileiro.

Para encerrar este trabalho destaco as mensagens deixadas por alguns dos integrantes que foram meus contemporâneos de GEM, sobre o fascinante mundo subterrâneo:

“As Cavernas são outro mundo ou outro planeta, lá dentro fica completamente inválida a noção de norte ou sul, se é dia ou noite, não existe a menor diferença. O planeta da caverna é habitado por milhares de morcegos e escorpiões. Barulho de carro, canto de passarinho, fumaça de fábrica, nem pensar. O medo inicial é grande diante de tanta coisa nova, a visão tem de se adaptar á falta de luz. A única luz que se vê, são as das lanternas e iluminadores. Temos que nos acostumar a andar em espaços reduzidos, muitas vezes de teto baixo e piso irregular, e tomar muito cuidado onde se coloca a mão. E pouco a pouco vamos acostumando aquele estranho universo. Quando acaba esta fantástica experiência, saímos da caverna, tomamos um banho na cachoeira e agora temos a certeza que depois desta aventura estamos mais capazes para enfrentar o mundo exterior”. (CARDOSO, 1997).

“Explorar uma caverna é uma atividade muito interessante, muito curiosa, eu sempre digo quando a gente tem oportunidade de falar, que é como ir para outro planeta ou ir ao fundo do mar...”. (ATZIGEN, 2009).

“A sensação de explorar uma caverna é indescritível, só você visitando para saber, é uma coisa muito prazerosa...”. (SANTOS, 2009).

Agradecimentos:

A todos os companheiros espeleólogos, que dividiram momentos inesquecíveis ao longo desses 15 anos de “grutadas”, Itamar Geuzza, José Nilton Santos (Niltão), Gláucio Pereira, Márcio Mota (Geléia), José Ribamar Carvalho (Ribinha), Nilton Carvalho (Nailton), Aldrin Tenório (Bacural), Luiz Coimbra, e Noé von Atzingen, que me guiaram na primeira aventura para o fantástico mundo subterrâneo. Aos mais recentes, Rodrigo do Monte Gester, Wellington Rocha, André Cardoso, Héliida Joane Leite, Daniel Roldão (Véi), Magnum Costa

(Magnata), Walter Roberto Cunha Jr. (Leitinho), João Abade (Janjão) Rafael Scherer, Marlon Prado, Pâmela do Carmo, Clediane Carvalho, Rafael Luiz Araújo (Bob esponja), Maria Bethânia Furtado e Maria de Jesus Santos. Agradecimento também para a Fundação Casa da Cultura de Marabá e ao Grupo Espeleológico de Marabá, pelo apoio em nossos trabalhos ao longo deste período, e em especial para a minha família, Iara Fernandes, Iana Reis, Gabriel Souza, Doralice Souza Neta e Livia Maria Crescencio, que soube conviver com a minha ausência na ocasião das diversas viagens em expedições da qual participei.

Bibliografia

- ATZINGEN, N. **Espeleologia, Relatórios da 1.ª e 2.ª Etapas de Campo em Carajás - Serra Sul/ Corpo D, 2004**. Marabá, outubro de 2004 e Janeiro de 2005 (Inéditos).
- ATZINGEN, N. **Prospecção e levantamentos Espeleométricos de Cavidade naturais no Níquel do Vermelho – Canaã dos Carajás/PA**. Marabá, fevereiro de 2005 (inédito).
- ATZINGEN, N. **Prospecção e Levantamentos Espeleométricos de Cavidade Naturais da Serra Leste, Curionópolis/PA**. Marabá, setembro de 2005 (inédito).
- ATZINGEN, N. & CRESCENCIO, G. **Estudos Espeleológicos em Serra Pelada, Município de Curionópolis-Pa**. Boletim informativo da Fundação Casa da Cultura de Marabá. Marabá: Líder, 1999.p. 63-69.
- ATZINGEN, N. & CRESCENCIO, G., GESTER, R.M. **Estudos Espeleológicos no Município de Marabá-PA**. Boletim Técnico n° 2 da Fundação Casa da Cultura de Marabá. Goiânia: Poligráfica, 2003.p. 65-70.
- ATZINGEN, N. & CRESCENCIO, G. **Estudos Temáticos na Região da Serra da Buritirama / Tapirapé**. Boletim Técnico n° 3 da Fundação Casa da Cultura de Marabá. Goiânia: Poligráfica, 2004.p. 68-83.
- ATZINGEN, Noé. **Noé von Atzingen: depoimento** [fev. 2009]. Entrevistador: Genival Crescencio. Marabá: Fundação Casa da Cultura de Marabá-PA, 2009, 1 cassete sonoro. Entrevista concedida para o trabalho de monografia.
- CARDOSO, André. **Relatório de campo da excursão à Palestina do Pará**. Abril de 1997.
- BARROS, V. L. **Valdimar Lopes Barros: depoimento** [fev. 2009]. Entrevistador: Genival Crescencio. Marabá: Fundação Casa da Cultura de Marabá-PA, 2009, 1 cassete sonoro. Entrevista concedida para o trabalho de monografia.
- GRUPO ESPELEOLÓGICO DE MARABÁ. **Relatórios de Trabalho de Campo nos Municípios de Curionópolis e Marabá-Pa**. 1999-2000 (inéditos).
- KERN, Dirce C. et al. 1992. **O Potencial Espeleoarqueológico da Região de São Geraldo do Araguaia – PA**. Bol. Mus. Pará. Emílio Goeldi, Ser. Ciências da Terra, Vol. 8.



FUNDAÇÃO CASA DA CULTURA DE MARABÁ. **Relatórios do Projeto Martírios do Araguaia, de 1987 a 1994.** (inéditos).

SANTOS, J. N. **José Nilton Santos**: depoimento [fev. 2009]. Entrevistador: Genival Crescencio. Marabá: Fundação Casa da Cultura de Marabá-PA, 2009, 1 cassete sonoro. Entrevista concedida para o trabalho de monografia.